

Resumo da Leitura:

MARCONDES, José Maria. Para Compreender as Novas Formas De Religião. Coimbra: Gráfica de Coimbra, s.d. Pgs. 11-29

Esta leitura aborda aspectos referentes ao ser humano e sua compreensão acerca da religião e seus diversos componentes, tais como, a experiência com o sagrado, os símbolos e os ritos. Foi possível identificar que por vezes temos tratado a religião de uma forma superficial, porém olhando mais atentamente ela permeia diversas áreas da sociedade e do ser humano. Ministerialmente consegui identificar que a história de cada membro de nossas igrejas é preenchida com muitas características que dizem respeito a sua experiência religiosa no decorrer de sua vida.

Temos, com certeza, alguma ideia sobre o sagrado, mas convém precisa-la. No último século, foram muitos os estudos que se dedicaram a isso. Em consequência destes esforços conseguiu-se um certo consenso a respeito do que significa, ou a que tipo de experiência humana nos referimos quando falamos do sagrado. Depois de esclarecermos este termo, podemos determinar outros vocabulários que se unem no mesmo eixo semântico: santo, divino, religioso, transcendente.

Analisa o sagrado e explica-o como uma projeção simbólica da identidade do clã ou do grupo tribal. O sagrado é um poder que se situa para lá do âmbito do humano.

Se na atualidade se torna, talvez, difícil imaginar em que poderão consistir essas festas e cerimônias do futuro, é porque atravessamos uma fase de transição e mediocridade moral (...).

Chegará um dia em que as nossas sociedades voltarão a conhecer horas de efervescência criadora onde aparecerão novos ideais, novas formulações que servirão, durante algum tempo, de guia a humanidade. (...).

O culto é também organizado pela sociedade que cria o sagrado. É a sociedade enquanto recriada ritual e simbolicamente em ações coletivas. O indivíduo sente aí a experiência do sagrado enquanto salvação. Em suma, para a escola durkheimiana, o sagrado é uma categoria fundamental da coincidência coletiva que foi originada na sociedade.

O reducionismo é a suspeita que se projeta sobre o tratamento sociológico (durkheimiano): tratar o fenômeno religioso apenas nas suas dimensões sociais e culturais como se esgotasse nelas. O sagrado aparece como um produto da

sociedade que se converte em meio para a sua manutenção e prossecução. Nessa concepção a religião não é senão uma administração do sagrado.

Do ponto de vista terminológico, Elíade usa a palavra sagrado com as mesmas conotações que Otto para o santo. Está ainda de acordo com ele que o sagrado é uma realidade absoluta que transcende o mundo, mas que se manifesta nele. O estudioso do fenômeno do religioso não tem outro acesso ao mesmo senão através da experiência religiosa, do testemunho do homo religiosus. Elíade continuará, de acordo com Otto, em que o ser humano possui a capacidade do sagrado. É uma disposição do espírito humano que mediante a influência de efeitos externos e experiências sensíveis, capta o numinoso. O símbolo será para M. Elíade, como para muitos outros estudiosos, o meio pelo qual o homem é capaz de captar e comunicar o sagrado. Deste modo, todo o ato religioso tem um significado que, em última análise, é simbólico, uma vez que se refere a seres ou valores transcendentais (M. Elíade, 1986, 126).

O resultado final da nossa breve apresentação das três grandes linhas de estudo do fenômeno religioso tem como resultado a centralidade do conceito de sagrado, no seu duplo aspecto fascinante e tremendo, como a manifestação histórica, captada pelo homem, de uma realidade misteriosa, “totalmente diferente”, que se faz presente por meio de objetos “naturais”. Nunca se esclarecerá se o sagrado se pode explicar mediante outras realidades, por exemplo, sócias (reduccionismo sociológico), ou se deve manter a sua referência a uma realidade absoluta, transcendente, impossível de esclarecer lógico-empiricamente. Do ponto de vista do homem experimentador do sagrado, convém dizer com M. Elíade, que “a religiosidade constitui uma estrutura final da consciência” (1967, 14).

Os símbolos religiosos mostram-nos que a vida tem uma estrutura mais profunda e mais misteriosa que a que experiência comum e diária e mesmo a lógica funcional nos mostram e dão a conhecer. Estamos perante o mistério. Dizemos, que há um lado oculto da realidade que provém, de outra parte “totalmente distinta”, pelo fato de ser obra que está “para além”; é por isso, transcendente, sobrenatural, divino. Por outro lado, o símbolo é radicalmente nominal, religioso e, reciprocamente a religião significa um símbolo e não um conceito (R. Panikkar, 1994, 393; P Ricoeur, 1969, 285).

O mito é um relato. Um relato oral, porque antes que a escrita e antes que as línguas naturais existissem era a “metalinguagem” mitológica – como disse Levi Strauss -, uma linguagem pré-semiótica na qual o gesto do rito, do culto, da magia existiam antes da gramática e do léxico.

Mas o mito é um relato especial: conduz a essa realidade profundo, última, numinosa. J. Campbell dirá que no mito “o que procuramos é a maneira de experimentar o mundo que nos leve ao transcendente, aquilo que dá vida ao mundo, e simultaneamente nos forma nele” (1991, 88).

A nossa pequena apresentação do sagrado e das suas manifestações ou acesso ao mesmo não estaria completa se não falássemos do que J. Cazenueve denominou de “o ato simbólico”, quer dizer, o rito. Sob este ponto de vista, o número anterior tem a sua continuidade neste, porque os ritos, cerimônias, são como que espetáculos rituais em que se “representa” um episódio mitológico (J. Cazenueve 1972, 29). E. Durkheim dizia que os ritos eram “regras de conduta que determinavam como deviam comportar-se o homem com as coisas sagradas”. Uma definição mais completa é-nos dada por J. Maisonneuve (1991, 18), para quem o ritual é “um sistema codificado de práticas, com certas condições de lugar e tempo, possuidor de um sentido vivido e um valor simbólico para os seus autores e testemunhas, que implica a colaboração do corpo e uma certa relação com o sagrado”.

Se o rito é um ato que se repete, onde se põe em ação se encenam os símbolos e mitos, pertencendo-lhe como a toda a ação simbólica: em primeiro lugar, do ponto de vista epistemológico, a multivocidade, a pluralidade de significados e evocações, o fato de ser um conhecimento apela à participação sendo, por isso, implicativo; em segundo lugar, o caráter evocativo e celebrativo do numinoso (M. Elíade), que procura transformar a banalidade da vida diária, e daí a repetição e as “nostalgias arquetípicas” do ritual, pois o rito é ação simbólica hierática; em terceiro lugar, o estar dotado culturalmente de concepções cosmológicas e valores com forças emotivas persuasivas. Victor Turner (1988, 30s).

Se o sagrado é equivalente ao poderoso, significativo, vivo e tremendo da profundidade do real, então devemos perguntar qual o indício de sagrado no nosso tempo, onde e como apareceram as preocupações, procuras, temores e fascinações dos homens dos nossos dias. Por esse caminho pressentiremos algo do sagrado no nosso momento sócio-cultural. É esta a obra que nos espera a seguir. Para a iniciar não será supérfluo ter em conta o que os estudiosos da sociologia da religião dizem a respeito das características com que o fenômeno do religioso se apresenta no nosso mundo. Desvendar-se-nos-ão, assim, alguns traços característicos da nossa sociedade indispensáveis para fazer nela um discernimento do sagrado.